



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE BELAS ARTES
MESTRADO EM ARTES VISUAIS**

JOSÉ MÁRIO PEIXOTO SANTOS

JAYME, A FIGURA DO ARTISTA PERFORMÁTICO

Salvador
2003

JOSÉ MÁRIO PEIXOTO SANTOS

JAYME, A FIGURA DO ARTISTA PERFORMÁTICO

Artigo apresentado ao Mestrado em Artes Visuais, Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, para avaliação parcial da disciplina História das Artes Visuais na Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Ribeiro Freire

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução de parte ou da totalidade do texto sem autorização prévia do autor.

Salvador
2003

Introdução

Eu tô dentro da obra, é como se eu tivesse encapado, vestindo ela, totalmente, até os olhos [...] usando o meu corpo como suporte, carregando todo o meu trabalho de anos de trajetória.

Jayme Fygura

A partir das palavras desse artista baiano, iniciamos a pesquisa sobre a “Arte de Jayme Fygura”, um dos temas sugeridos para apresentação em seminário durante a disciplina História das Artes Visuais na Bahia, ministrada pelo Prof. Dr. Luiz Alberto Ribeiro Freire.

Observando essa proposta inicial, apresentaremos neste estudo a “figura” de Jayme - sua produção como artista visual e, principalmente, sua ação pelas ruas da periferia ou do Centro Histórico, pelos diversos territórios desta cidade de São Salvador - como uma obra representativa dos movimentos de *Performance Art*¹ no cotidiano. Ao longo do texto, pretendemos estabelecer relações entre a obra de Jayme Fygura e as produções de alguns artistas performáticos que em diversos momentos e lugares têm realizado suas ações mais narcisísticas; intrigantes; ritualísticas; militantes; escatológicas, num contínuo *performar*.

Para tanto, faremos a exposição de elementos da produção desse artista que, assim como Orlan ou Gilbert & George (ícones da Arte da *Performance* no mundo), transforma, a cada dia, seu corpo em escultura, sua vida em obra, seu cotidiano numa *Performance* constante e sabe como poucos (à sua maneira) refletir o espírito de nossa época - da contemporaneidade - em que tudo é efêmero, velocidade, fragmento. Tempo em que a aproximação entre arte e vida é um projeto “in-constante” execução.

¹*Performance* é a ação desenvolvida por artistas plásticos que mesmo se aproximando do teatro ou da dança tem características próprias, ritualísticas ou narcisísticas. Geralmente resulta em algum tipo de documentação (vídeo, filme, livro, foto) destinado ao circuito de arte.

Disponível em Enciclopédia de Artes Visuais do Itaú Cultural: <http://www.r/aplicexternas/enciclopedia/artesvisuais2003/index.cfm?fuseaction=Detalhe&cd_verbete=3882>. Acesso em: 07 jul. 2003.

Sobre a vida de Jayme e a arte de Fygura

A partir de agora, trataremos da arte de Jayme Fygura, de seu cotidiano, e de sua produção mais representativa: a ação pelas ruas da cidade, ou seja, sua *Performance*. Também pesquisaremos sobre sua interação com o outro, a construção de sua *persona* com as respectivas indumentárias através do tempo, nos cenários citadinos. Mais adiante, faremos uma breve análise de sua produção como desenhista, pintor, escultor e instalacionista como uma forma de compor o universo poético construído por esse artista ao longo de mais de vinte anos de produção contínua. É importante lembrar que apresentaremos aqui um perfil, a “figura” de Jayme, pois conhecer toda a produção desse artista demanda muito tempo, ou melhor, a compreensão de uma outra temporalidade. Além disso, o cultivo da paciência (Jayme diz que desenvolveu a paciência em sua obra e não consegue lidar com pessoas insensíveis a isso).

Falar sobre a produção desse artista de forma dissociada de sua vida já não é possível, pois sua obra é, caracteristicamente, autobiográfica. Sua postura como artista remete, imediatamente, aos papéis desempenhados pelo homem, cidadão, pai de família. Na verdade, essas são “faces de uma mesma figura”. Se para um policial do Centro Histórico Jayme Fygura já é patrimônio daquele espaço urbano, J.A.A. é um cidadão comum, declara ter 53 anos de idade e ser “um homem de muitas companheiras e muitos filhos”. Demonstra muito cuidado com seus familiares e não quer envolvê-los em sua produção artística. Ao contrário, procura mantê-los afastados desse contexto, pois, assim como ele, os seus têm sofrido com as mais diversas “agressões sociais” (apenas isso foi revelado sobre a pessoa de Jayme). Sempre que perguntado sobre sua vida pessoal, sobre quem está por trás daquela máscara, em entrevista gravada, Jayme responde:

Esse lado aí é um lado que eu não faço questão nenhuma, cara, de abrir o bico, entendeu? Porque é uma trajetória, assim, muito difícil [...] Jayme é um João Ninguém [...] não quero Jayme envolvido nisso.

Em outras palavras, ele sinaliza um ponto final na investigação de sua vida privada. Notamos que a pesquisa sobre a vida de Jayme deve ser conduzida pelo próprio, sob sua orientação. Em respeito a tudo isso e buscando preservar a intimidade do homem, lançaremos um olhar mais atento sobre obra do artista Jayme Fygora.

Auto-imagem e imagem refletida (a reação do outro)

Durante toda a pesquisa, buscamos registrar as mais diversas informações a respeito de como as pessoas percebem Jayme Fygora, seja nas ruas da cidade, nos espaços artísticos ou no meio musical mais *underground*. Inicialmente, buscamos por informações sobre esse artista na WEB, em periódicos, dentre outras fontes. A seguir, entrevistamos os vizinhos ao seu atelier, moradores da comunidade do Centro Histórico, colegas pintores e, principalmente, artistas *performáticos* em atuação em nossa cidade. Realizamos um total de dez entrevistas com o próprio Jayme e registramos em fotografias sua passagem pelas ruas da cidade em inúmeras situações. Pinturas e objetos artísticos, também, foram fotografados. Por fim, conseguimos visitar seu atelier.

A “perseguição” a Jayme Fygora pelas ruas do centro de Salvador foi utilizada como mais uma estratégia diante de tanta dinâmica, imprevisibilidade e inquietude artísticas (através dessa abordagem inusitada, coletamos valiosas informações em entrevista gravada). Outra parte do material pesquisado e catalogado foi cedida pelo próprio artista, como imagens e textos de seu acervo².

²12 disquetes; 1CD com encarte; 31 fotografias; 8 fotocópias; 17 fotogramas.

Nas entrevistas realizadas no entorno de seu atelier, no Centro Histórico, antes de estabelecermos o primeiro contato com o artista, registramos o que segue: um vizinho descreve Jayme Fygura como uma pessoa meiga, muito acessível, já outro diz que ele é imprevisível; a balconista da padaria próxima ao atelier observa que o artista não pára, ele está sempre nas ruas; a senhora de um bar afirma que Fygura é “educado, normal, fala com todo mundo. O turista pede pra tirar foto, ele tira”; um amigo de Jayme revela que ele é inteligente, do tipo que “você pode trocar uma idéia com ele”. Por outro lado, há aquelas pessoas mais reticentes em relação a Jayme e suas produções realizadas em atelier. Recentemente, seu espaço de trabalho foi inspecionado por um profissional do Corpo de Bombeiros.

Numa outra rua do Pelourinho, um *barman* declara não entender o que leva uma pessoa a se vestir daquele jeito em meio aos tantos turistas presentes no Centro Histórico. Declara que muitas pessoas vêem Jayme como “louco”, uma pessoa “perturbada”. Lamenta que em programa de TV sobre as personalidades do Pelourinho, Jayme Fygura não foi entrevistado e, curiosamente, revela que ouviu de um grupo de clientes uma pequena história sobre a vida de Jayme: que ele é rico, vive numa mansão, tem gráfica e deixou tudo para viver daquela forma pelo prazer de ser artista. Algo, observando as devidas proporções, já citado pelo próprio Jayme quando diz que já teve dinheiro, trabalhou como *designer* em gráfica e agência de publicidade e, agora, dedica sua vida à arte.

Airson Heráclito³, apesar de nunca ter dialogado com o artista, somente observado a passagem de sua *persona* pelas ruas da cidade e aberturas de exposições, assim, descreve o trabalho de Jayme Fygura:

³Airson Heráclito pertence ao grupo dos mais representativos artistas contemporâneos da Bahia. Artista visual com experiências significativas como *performer*, desde a década de 80 até o momento presente, vem pesquisando e realizando *performances* diversas, tendo sempre como referência o universo das artes visuais. São exemplos dessas primeiras produções *performáticas*: “As Meninas”, 1988; “O Crepúsculo do ritmo”, 1989; “O Homem estético”, 1990. As produções mais recentes são caracterizadas pela pesquisa dos mais diversos materiais, entre eles alguns elementos percíveis e efêmeros por natureza (o artista exhibe açúcar como obra; pinta com azeite de dendê; desfila figurinos elaborados com carne de charque em passarelas de moda e vias públicas; etc.). Exemplos dessas ações são “A transmutação da carne” e “Moqueca – O Condor do Atlântico”, 2002.

Desde quando Jayme começou, ele sempre freqüentava as exposições e era fantástico porque ele roubava a atenção de todas as exposições. Ele também é... sempre teve essa relação, essa dimensão estética dele [...] Quando ele chegava, era algo, assim, meio... uma tensão, é... o estar próximo dele, o estar próximo de um mascarado é... fora de um contexto de Carnaval [...] Então, isso cria todo um clima de você não saber o que vai acontecer, o que pode acontecer, de expectativa ou não [...] A produção dele é maravilhosa! Como ele concebe aquelas capas, aquelas casas que ele constrói para colocar sobre ele [...] Eu vejo um cuidado, uma organização [...] Ele tem um projeto de vida, extremamente, influenciado por essa questão estética [...] Eu vejo, também, uma... uma certa ingenuidade [...] Eu até arriscaria comentar, defini-lo como um performance naïfe [...] Extremamente atual o trabalho dele, extremamente, contemporâneo [...] de um radicalismo e de uma coerência que a gente... é difícil a gente ver!

Já Marcondes Dourado⁴ compara Jayme Fygora a um *yogue* que já não distingue o ato de comer do ato de meditar. Diz que o figurino de Jayme é carregado de conceito, que o artista não é uma personagem, é, ele mesmo, a própria obra. Também destaca como um elemento performático na produção de Fygora a ação do artista de caminhar pelas ruas da cidade (esse tipo de comunicação visual já é suficiente para Marcondes). Jayme Fygora explica que suas caminhadas diárias estão associadas à resolução de seus “problemas sociais”: moradia, alimentação e dinheiro. Sua principal busca cotidiana é pelo “alimento para manter a obra viva”, parte desse alimento é conseguido com os amigos da Feira de São Joaquim há três anos. Além de caminhar, Jayme corre, é atleta. Em imagem divulgada no jornal A Tarde, notamos Jayme Fygora com indumentária numerada, correndo como um maratonista pelas ruas de Salvador.

⁴*Performer* baiano sempre em atividade, Marcondes Dourado juntamente com a dançarina chilena Sandra Del Carmem, a cantora Mariela Santiago, Manuela Perez e as crianças da Vila Brandão compõem o Grupo Bardo. Com passagens pela Escola de Belas Artes e Escola de Dança da UFBA, premiado na Bienal do Recôncavo, Marcondes tem realizado exposições de *performance-espetáculo*. Suas ações são fruto de intensa pesquisa e ensaios constantes em busca das fronteiras entre dança-teatro/vídeo-instalação, e, cada vez mais, arte-educação/cidadania-comunidade. Ao lado de Del Carmem, Marcondes viajou por alguns países europeus e sul-americanos, apresentando, dentre alguns trabalhos, o espetáculo “Bardo”. Com “Santa Fábula” o grupo de *performers* inicia uma pesquisa do gesto primitivo, do primeiro contato, do indecifrável... Seu projeto atual, envolvendo a comunidade da Vila Brandão (onde vive e produz), diz respeito às grandes guerras no mundo, do céu nova-iorquino ao solo do Oriente Médio; à guerra cotidiana

Leonel Mattos, outro conhecido artista que faz da cidade seu atelier, afirma ter levado Jayme Fygura às galerias, ao espaço institucional, como expositor e ao mesmo tempo como obra. Ele faz as seguintes declarações sobre o artista:

Vi nele uma interferência urbana. Sou atraído pelos suportes marginais encontrados na cidade [...] Vi um artista ali dentro, 24 horas [...] Uma escultura ambulante [...] Comunicação muito forte, assustadora. Jayme Fygura é um performista, não é um maluco! Ele usa o próprio corpo como elemento da obra [...] Não vejo como uma figura popular. Jayme Fygura tem uma singularidade, sua característica própria.

A proposta de Jayme Fygura de viver como artista e ao mesmo tempo como obra, 24 horas por dia, como cita Leonel, pode ser relacionada à *Performance* dos ingleses Gilbert & George. Ícones da arte contemporânea e representantes da *Performance Art* no mundo, eles já estão juntos como artistas e amantes há mais de três décadas, realizando trabalhos de esculturas, desenhos, pinturas, arte postal e digital, e, é claro, a arte mais característica de sua produção: a *Performance* na vida cotidiana, em tempo integral.

Um outro colega de Jayme acrescenta que, apesar de ter trabalhado com o artista durante um bom tempo, nunca viu seu rosto (Jayme tem percebido que manter o rosto completamente coberto, além de chamar a atenção dos curiosos, representa mais um “fetiche” na constituição de sua imagem). A imprensa local, geralmente, cita Jayme Fygura como performático ou folclórico. Diante de tudo isso, notamos que as diversas percepções e reações associadas a Jayme partem, quase sempre, de uma primeira impressão de sua “figura”. Após uma conversa com o artista, as contradições entre o que ele exhibe como criador através de suas roupas e o que ele é como ser humano, sua postura perante a vida e as pessoas, são logo evidenciadas.

Em entrevista ao Jornal A Tarde⁵, Jayme Fygura é questionado sobre sua própria imagem, se gosta de sua imagem. Ele responde: “Claro, pois se eu não consigo fazer outra coisa a não ser eu mesmo”. Nessa declaração, o artista se posiciona, assim como a performática Orlan (artista francesa, criadora da *Carnal Art*, que fundiu intensamente arte e vida a ponto de transformar sua própria identidade num ser “neo- multi- inter-” ainda em construção), como sujeito e objeto de sua própria produção, criador e criatura de uma obra elaborada a partir de uma contínua “autoconstrução” ou “autodestruição” (?).

Ao contrário da figura mitológica de Narciso, Jayme não gosta de ver sua imagem refletida. Ele não utiliza espelho, pois teme sonhar com o espectro de Jayme Fygura (se possuísse esse objeto de culto à vaidade em casa, talvez, não tivesse declarado que sua carne “é toda de couro e alumínio”). Jayme também revela que sempre quis ser ele mesmo, mas somente encontrou quem ditasse o que ele deveria ou não fazer. Apesar disso, continuou sua trajetória como artista, realizando sua arte da maneira que sempre pensou e desejou. Numa outra ocasião, ao lado da carroça utilizada para transportar os mais pesados materiais de sua produção, ele declara não possuir músculos, somente “energia”. Contudo, o próprio artista explica como percebe esse olhar do outro perante sua “figura” no seguinte trecho de nossa entrevista:

o grande problema está na busca dos meus olhos, entende? A situação é a busca dos olhos que não podem mais ver. Isso, tragicamente, danifica minha mente de ver a luz que eles vêem e observar olho a olho, isso é a destruição pra mim, entende?

A “Estética da Farpa”

Contrariando a idéia de que a obra de Jayme Fygura expressa total desorganização, despropósito e até mesmo “desequilíbrios”, apontando para uma

⁵CALBO, Iza. Figura Beleza. *A Tarde*, Salvador, 29 abr. 1998. Caderno 2. p. 1.

“Estética do Caos”, como se referiu um de seus colegas artistas, apresentamos a “Estética da Farpa”.

A palavra “farpa”, tão cara ao nosso artista e de significado muito particular em sua obra, é um elemento recorrente em toda a produção de Jayme Fygura desde quando ele começou a criar imagens e tipos de letras nas gráficas há mais de vinte anos. A presença da “farpa” está nos figurinos, desenhos, objetos, letras de canções e no logotipo de sua banda. Aí está a representação do poder de “ataque” do artista, pois a “farpa” também é uma metáfora da “arma” (gesto, palavra, atitude) na luta cotidiana pela sobrevivência. Podemos comparar a habilidade que o artista tem de lançar suas “farpas”, ou seja, de estabelecer contatos profissionais ou pessoais, à capacidade que o cidadão comum tem de “matar um leão a cada dia” em nome da manutenção da vida. Do simbólico ao utilitário, a “farpa” representa a ponta de alumínio ou madeira, de maneira geral, o retalho de tecido ou couro na composição de figurinos, objetos, esculturas, etc.



Fig.1 Imagem cedida pelo artista.

Logo que a tecnologia, o computador, chega às gráficas a arte de Fygura passa por uma transformação. Jayme já não consegue permanecer no ambiente de trabalho onde a capacidade criativa do artista, a cada dia, é suplantada pelos artifícios tecnológicos, onde vale mais ter computadores funcionando do que homens criando. A partir daí, o artista sente a necessidade de ser superior à máquina, expressando esse desejo através da criação do “Robô Farpa”⁶ e, conseqüentemente, da composição do que vamos denominar nesse universo de pesquisa de “Estética da Farpa”.

⁶Protótipo do que viria representar a própria imagem de Jayme Fygura, uma representação plástica de um *cyborg* com capacete e roupa de alumínio criada pelo artista ainda quando trabalhava nas gráficas (Poligraf, Mil Cores, Gráfica Mercês, dentre outras) há, pelo menos, vinte anos.

Após muitos conflitos profissionais - também relacionados ao seu vestuário “exótico” em ambiente de trabalho - Jayme abandona o emprego, preferindo viver com poucos recursos a trabalhar com o auxílio dos computadores e ganhar muito menos do que até então recebia. Apesar disso, em entrevista, Jayme declara que o computador fez parte de sua evolução como artista. Como numa primeira ação performática, expressão de uma revolta, ele rasga suas vestes na saída do trabalho e vai às ruas sob trapos: surge a “proto-indumentária”, o vestuário comum transformado em manto de retalhos. Entre esses trapos e as “farpas” como elementos de figurino existe um longo percurso artístico.

Após Hélio Oiticica apresentar seus “Parangolés”, suas obras/cores como vestimentas em movimento, no circuito artístico Rio de Janeiro - São Paulo, Jayme Fyguira, aqui na Bahia, começa a criar suas indumentárias. Na verdade, as roupas/indumentárias começaram a ser confeccionadas quando o artista passou a se apresentar no circuito de música alternativa de Salvador, no universo *rock'n roll*. Ele costumava aparecer nos *shows* como qualquer representante do movimento *punk* (trajando preto, calçando coturnos, adornado com couro e *spikes*). Se não fossem as luvas, os capacetes, óculos escuros e, principalmente, as “farpas” artísticas, ele seria mais um *punk* pelas ruas da cidade. A partir daí, os óculos escuros dão lugar à máscara estilo Zorro. Finalmente, surgem as indumentárias para rosto inteiro com a utilização de uma malha de algodão transparente entre a pele e os chapéus ou capacetes (uma ação pensada para evitar que o suor penetre pela boca e, conseqüentemente, chegue ao organismo).

Jayme explica que passou a cobrir o corpo daquela forma depois que começou a “sentir na pele” os insistentes toques das mais diversas pessoas (toques sensuais, agressões físicas, “ataques espirituais”, etc.). Contra todos esses tipos de investidas, surgem as indumentárias quase sempre como armaduras, uma proteção para o homem-artista que já sabe, mas prossegue repetindo o quanto “a carne é fraca!”. Também, nesse período, surge o nome artístico. O batismo acontece nas ruas, a

construção da obra a partir da interação com o espectador: - Aquele cara é uma figura! - Que figura! - Diga aí, Figura! (daí, a adoção do nome artístico Jayme Fygura, assim, grafado com y).

Entre as diversas roupas/indumentárias confeccionadas por Jayme Fygura, um exemplo mais recente é o figurino tipo “Samurai”, como denominamos: solas presas aos pés com tiras de tecido e couro. Mais retalhos desses materiais transformados em calças, luvas, mangas longas, etc. Uma tela de metal cobrindo o rosto, como em capacetes de jogadores de futebol norte-americano. Sobre a cabeça, um chapéu confeccionado com a cobertura de um guarda-chuva já sem a armação de metal. Uma variação dessa mesma indumentária com chapéu de plástico roxo em estilo colonizador europeu e pedaços de madeira, “farpas”, como ombreiras está sendo “desfilada” atualmente. A elaboração das “performances mutantes”, assim denominadas por Jayme Fygura, representa, como na produção de Tunga⁷, uma atualização da obra, um processo de “re-construção” do trabalho sempre visto como uma proposta aberta às mais diversas modificações e leituras.

Um outro exemplo de roupa/indumentária é a do tipo “Executivo” com pasta de couro e cartão de visita; chaves pendendo de uma sunga com estampa de pele de onça. Há também as indumentárias para desfiles cívicos e passeatas políticas com variações plásticas e cromáticas a gosto do partido: existe uma roupa em prol da campanha Agora, é Lula! Outra para o dia Dois de Julho, quando Jayme desfila ao lado de Antônio Carlos Magalhães, seu candidato do PFL .

⁷Artista brasileiro de reconhecimento internacional com experiências em *Performances* e “Instaurações” (obras caracterizadas por momentos de estabilidade e dinamismo - um lugar entre a instalação e a *Performance*).



Fig.2 “Artistas de rua” (Jayme Fygura). Foto: Rejane Carneiro, 2002.

Um outro figurino, tipo “Animal”, com farpas longas e pontiagudas feitas com alumínio e muito couro; com os acessórios pochete, botas e óculos escuros foi observado em fotografia mais antiga. Indumentárias semelhantes aos uniformes dos heróis de desenhos animados e filmes de ficção científica, como Jornada nas Estrelas, também foram criadas. Na época das intervenções performáticas ao lado de Leonel Mattos uma roupa com diversas embalagens plásticas de cor branca foi confeccionada, embora a cor predominante na produção de Jayme como um todo, inclusive nas indumentárias, seja o negro. Com o objetivo de informar um pouco mais sobre sua identidade, Jayme explica a intencional utilização de determinadas peças na composição das indumentárias:

eu uso a sunga com as chaves expostas, as chaves dos lugares onde eu entro e saio, entendeu? [...] foi o único lugar que eu deixei em aberto para, também, o povo saber que eu era macho, porque se eu forrasse tudo, completamente, ia ser difícil depois do rosto

coberto, completamente, uma pessoa identificar que eu era macho, entendeu? Aí eu tive que fazer isso também que fez parte do projeto, o estudo, entendeu? O importante é saber que é Jayme Fygura, entendeu? Um ser do sexo masculino.



Fig.3 Imagem cedida pelo artista.

Entrevistar Jayme Fygura e não perguntar sobre sua temperatura em meio a tantas roupas e “farpas” é o mesmo que escrever sobre *Performance Art* e não citar Joseph Beuys, sua pesquisa sobre as possibilidades estéticas e conceituais da gordura animal, as relações entre frio x calor / morte x vida em sua produção artística como *performer*. Sobre esse questionamento, Jayme declara ter “criado” uma temperatura entre seu corpo e a roupa/indumentária e que já está habituado a viver dentro da obra, ser obra, condicionado àquela temperatura específica. Revela, também, que prefere o calor, “bastante calor”, ao frio. Para Jayme, o frio representa a morte: “odeio o frio!”. Diz que quando sua temperatura começa a esfriar, sente a morte rondar seu “corpo frágil” e, apesar de manter distância dessa ameaça funesta, ela está sempre ao seu lado. Também declara que deseja morrer como um soldado em campo de batalha, trajando suas indumentárias.

Na verdade, essas indumentárias funcionam como “um guia na arte” para Jayme Fygura, pesam entre 30 e 40 kg, não podem ser comercializadas. Atualmente, o artista está em busca de apoio para a realização da limpeza de todas as indumentárias utilizadas por ele, aqueles figurinos confeccionados há vinte anos. Dentro de um tonel

repleto com água sanitária, ele deixará todas as peças em processo de lavagem. Qual o possível significado de tal ação? Não conseguimos descobrir...

“Rastafari - rock’n roll”

Jayme é idealizador e vocalista da “Banda The Farpa”. Em trecho de entrevista ao Jornal A Tarde⁸, ele identifica as apresentações dessa banda como *happening metal*. Também diz ter escolhido esse nome para o grupo devido à simbologia (?), que essa banda de *rock* tem um segredo e os encontros promovidos pelos componentes do grupo são mais espirituais. Num dos festivais Palco do Rock, em Salvador, a “Banda The Farpa” ficou classificada em segundo lugar, recebendo um prêmio em dinheiro no valor de R\$ 3.800,00. A primeira colocação foi para a banda “Ulo Selvagem”. Além desse concurso, essa proposta musical foi selecionada para apresentação na V Bienal do Recôncavo, realizada pelo Centro Cultural Dannemann, em São Félix, Recôncavo Baiano. Jayme também relembra as apresentações no Teatro Gregório de Mattos, Teatro Vila Velha, na Concha Acústica e nos festivais de Arte e Filosofia, realizados na Universidade Católica de Salvador. Ao lado da banda de *rock’n roll* (hoje com uma nova formação), há mais uma proposta musical criada pelo artista: “Jayme Fygura & Seus Vermes”, uma *performance* poética, caracterizada por um “som psicodélico”, apresentada em ambientes voltados para as artes visuais.

⁸CALBO, Iza. Figura Beleza. *A Tarde*, Salvador, 29 abr. 1998. Caderno 2. p. 1.



Fig.4 Imagem cedida pelo artista.

Segundo Sandra Self (presidente da Associação Cultural Clube do Rock e integrante da Banda “Ulo Selvagem”), além de seu trabalho com a Banda The Farpa, Jayme também participou de outras formações como “Matéria Carente” e “Missionário do Dízimo”. Em trechos de entrevista gravada com a cantora, notamos uma referência à atitude de Jayme Fygura como vocalista, sua *Performance* no palco:

JM: Como era a *Performance* dele no palco? Ele cantava, tocava?

S: Sensacional! Ele era vocalista da banda, ele tinha uma química com o público rock’n roll, né? da... fazia parte mesmo da galera... é... independente, alternativa, *underground*. Essa é a história. Ele se identificava muito, ele cantava na banda. Acredito que letrista também. Acho que era isso [...] acho que ele fazia algumas letras... é... eu acredito que sim, as letras. As músicas eram dele, de Jayme, os arranjos da banda.



Fig.5 Cartaz de divulgação da “Banda The Farpa” (detalhe), 1992.

Jayme destaca que não é músico, apenas, manipula a guitarra como instrumento de cordas para a divulgação de seus poemas cantados. Para ilustrar a produção de Jayme como letrista, destacamos um trecho de uma das canções da banda “Jayme Fyguira & e Seus Vermes”. Nessa letra, a aproximação das fronteiras da música e das artes visuais fica evidente:

A exposição vai acontecer, as pessoas vão observar o reflexo da vida entre telas a mostrar, entre a fome e a miséria, e a guerra, e a dor. O espírito expõe seus sentimentos, buscando no escuro um pouco de luz com molduras e farpas reluzentes, o espírito expõe a dor do amor à Arte.

Percebemos que no universo musical, ou melhor, no palco, está a realização de Jayme Fygura como artista. Seu trabalho como cantor e letrista de banda representa a perseguição de um ideal, de um sonho. Nesse sonho já sonhado (ainda não materializado em plenitude), Jayme Fygura se exhibe no palco como cantor-*performer*, trajando um figurino “animal” elaborado com farpas reluzentes, cantando suas letras e ouvindo os aplausos incessantes dos fãs. Assim espera se apresentar no palco da apresentadora Xuxa ou no *Big Brother*, no “programa de Bial”, como ele mencionou.

Enquanto aguarda o lançamento de seu CD (aos cuidados de seu produtor), o artista ensaia com os novos componentes da “Banda The Farpa”. A seguir, alguns títulos de composições do CD “A Explosição”: Ela pensa; Cem creches; Mendigos; Kavalo alado; Explosição; Windows; Na alça do caixão; Tut-Tut-Putra; Sombras do passado; Com 12 anos; Miltonê; Ele sempre anda pelas ruas; Nasuabunda.

Através da religiosidade e da música percussiva, descobrimos um outro lado da “figura” de Jayme, aquele representado pela fé cristã e epiderme negra sob as farpas de metal. O artista declara em voz firme que é católico e desde criança desenha a imagem de Jesus. Já adulto, cobre as paredes de uma gráfica com a face do Cristo vivo (a idéia de retratar Jesus Cristo morto o assusta). Como um *Rastaman*, fiel ao seu Salvador, Jayme explica a relação entre arte e espiritualidade⁹ em sua produção:

o negócio é promessa, cara, entendeu? Promessa divina do meu coração, entendeu? Eu e Jesus Cristo. Ele com a cruz dele e eu com minha obra, entendeu? Cada um na sua. Eu torcendo por ele, ele torcendo por mim. E é só alegria!

⁹As fronteiras entre arte e espiritualidade, mais especificamente *Performances* envolvendo rituais místicos ou sagrados, já foram pesquisadas por outros artistas como Ana Mendieta - *performer* cubana que desenvolve sua produção entre as décadas de 70 e 80. Mendieta constrói sua obra a partir das relações estabelecidas entre os seguintes elementos: território, corpo e ritual (dos cultos mais ancestrais às atuais cerimônias sincréticas da *santeria*, religião afro-cubana caracterizada pelo sincretismo de elementos do Cristianismo e cultos nigerianos).

Sobre suas origens africanas, Jayme afirma com um certo orgulho, também, com uma postura crítica contra o preconceito racial ainda existente, que é de cor negra, gosta do ritmo *afro* do Olodum e costuma participar da festa da Benção, no Pelourinho:

tá no meu sangue isso aí, não tem jeito. Eu posso dizer pra Deus e o mundo que eu sou roqueiro, mas... eu sou um nativo negro. Rastafari!

Isso também pode ser evidenciado nas indumentárias, nos detalhes do vestir. Quando questionado sobre sua cor, ele responde:

De cor negra, por isso que eu também deixei exposto as pernas, entendeu? Para poder as pessoas verem a minha cor morena. Mas, na verdade, eu queria ser negão, negão mesmo. Não adianta ser moreno e passar tudo o que eu tô passando. Eu preferia ser um negão, mesmo. Aqueles negão, mesmo, fosco, entendeu? Mas eu não tive sorte, aí, saí moreno [risos].



Fig.6 “Mãos e trapos”. Foto: Zmário, 2003.

Um dos companheiros do projeto “Pinte Salvador” observa que a maneira como esse artista exhibe seu “corpo obra”¹⁰ é, também, uma forma de inclusão social (isso foi constatado em todos os momentos de convivência com Jayme). Fygora tem plena consciência de sua origem e identidade: representa a figura do excluído, do negro

discriminado, morador da periferia, que se insere nos ambientes burgueses e artísticos como artista e ao mesmo tempo obra. A atitude de caminhar pelas ruas desta cidade caracteristicamente negra com aquela indumentária cobrindo seu corpo o afasta, pelo menos momentânea ou ilusoriamente, da pobreza e miséria que o envolvem cotidianamente. Isso representa a possibilidade de vivenciar a “figura” do artista e poder ser reverenciado como tal. Sobre esse ponto, Jayme Fygura faz a seguinte colocação:

tem pessoas que não me respeitam por eu ser pobre e miserável e outros que me respeitam pela obra que atua sobre meu corpo, entende? Pra essas pessoas que me respeitam pela obra que atua sobre meu corpo eu não participo o sofrimento do corpo.

Jayme Fygura como interferência urbana

Ao contrário do ator, que age, representa, e empresta seu corpo ao teatro, na *Performance*, existe a imagem da *persona*, que reage, pulsa, e entrega, completamente, o corpo e espírito à arte. Esse é o “papel visceral” desempenhado por Jayme Fygura em sua *Performance* cotidiana pelas ruas da cidade. Através da interação com os transeuntes, sua imagem é continuamente formada e deformada. Isso é bem ilustrado quando Jayme diz que o público o conduziu a esse tipo de trabalho e deve, obrigatoriamente, retirá-lo dessa vivência. Sobre a construção de sua imagem, de sua *persona*, nas ruas, assim Jayme se expressa:

O que uso não são máscaras. São roupas, numa evolução dentro da visão do povo. Sendo que foram eles que provocaram a imagem. As pessoas. As positivas. Não estou falando das que se assustam¹¹.

¹⁰Referência à *Performance* “O Corpo É a Obra”, 1970, do artista português radicado no Brasil Antônio Manuel, que se apresentou nu, descendo as escadas do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no 19º Salão de Arte Moderna.

¹¹CALBO, Iza. *Figura Beleza. A Tarde*, Salvador, 29 abr. 1998. Caderno 2. p. 1.

A ação de Jayme Fyguira na cidade é muito distinta daquelas aparições da Mulher de Roxo¹². O artista rechaça com veemência todo tipo de associação que é feita entre essa imagem feminina e sua pessoa:

Eu não sou como a Mulher de Roxo. Eu sou um criador. Agora, eu tenho os meus negócios e tenho que sair na rua.¹³

A vivência desse artista no cenário urbano de Salvador é também diferenciada da postura de Zé das Medalhas e de Gentileza (personalidades do imaginário carioca) e, apesar das inevitáveis aproximações, da obra de Artur Bispo do Rosário, realizada em contexto bem diferenciado da produção de Jayme. A construção da *persona* de Jayme Fyguira, ao longo desses anos, se distingue da imagem criada por Marcel Duchamp, na década de 20, quando se deixava fotografar como Rose Sélavy¹⁴. Essa figura feminina representava uma outra identidade desse artista, seu trabalho de arte com o corpo mais representativo, mais próximo da *Performance*, se comparado aos cortes de cabelo realizados e registrados como obra: “La Tonsure”, 1919.



¹²“Personagem” popular que viveu em Salvador e, muitas vezes, é revivida pela associação que algumas pessoas insistem em fazer de sua imagem à “figura” de Jayme.

¹³CALBO, op. cit.

¹⁴“Eu desejava mudar a minha identidade e, primeiramente, eu pensei adotar um nome judeu. Eu era católico, e esta passagem de uma religião para outra já significava uma mudança. Mas não encontrei nenhum nome judeu de que gostasse ou que despertasse a minha fantasia e, de repente, tive uma idéia: por que não mudar de sexo? Era muito mais fácil! E foi assim que surgiu o nome Rose Sélavy.” Trecho de entrevista com Marcel Duchamp em CABANNE, Pierre. *Marcel Duchamp: engenheiro do tempo perdido*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1967.

Fig.7

“Duchamp como Rose Sélavy”. Foto: Man Ray, 1920.

“A *persona* de Jayme”. Foto: Zmário, 2003.

Como nas experiências artístico-corporais de Flávio de Carvalho¹⁵, Jayme Fyguira caminha, diariamente, pela cidade como uma obra de arte ambulante, modificando as mentalidades e percepções daqueles que cruzam seu caminho; mudando as configurações dos territórios por onde circula (do centro da cidade à periferia, passando pelos palcos de *rock*, galerias e museus; Escola de Belas Artes; Prefeitura; feira de São Joaquim; Mercado Modelo; Ladeira da Montanha; cemitérios, etc.). Nesse seu trajeto cotidiano pelas vias públicas, Jayme costuma despertar amores, ódios, sorrisos, medos... Nunca indiferença! Sua presença corporal no cenário urbano também pode ser comparada à ação dos elementos “deflagradores”, citados por Artur Barrio em entrevista sobre o trabalho “4 dias 4 noites”¹⁶. Às vezes, Jayme Fyguira é encontrado no

¹⁵Engenheiro, arquiteto, pintor expressionista de grande reconhecimento, sociólogo, escritor e artista experimental do corpo, Flávio de Carvalho realiza, em 1932, a “Experiência nº 2”. Obra caracterizada pela ação do artista caminhando em direção contrária a uma procissão católica, utilizando um acessório diferente durante todo o trajeto: um chapéu verde. Com essa atitude, o artista busca pesquisar a reação dos fiéis frente àquela situação inusitada. Daí, surge o livro de título homônimo como registro dessa *ação performática*. Mais tarde, em 1956, em São Paulo, realiza a “Experiência nº 3”, obra elaborada e desenvolvida como uma passeata no Viaduto do Chá. Nessa outra ação, o artista desfila com saia e blusa de mangas curtas e bufantes: o “Traje Tropical”.

¹⁶Trecho de entrevista com Artur Barrio sobre o trabalho “4 dias 4 noites”, no livro do Panorama da Arte Brasileira 2001. p. 81-82.

Cecília: Barrio, pensando nessa deambulação pela cidade, queria que você falasse um pouco do que chama de “deflagradores” e que, como você diz, às vezes podem vir de reações orgânicas, de fluidos orgânicos, que poderiam agir como provocadores, fragmentando o cotidiano.

Barrio: Já escreveram dizendo que sou um heracliteano... o movimento, o fluir, os fluidos corporais, o dentro e o fora.

Cecília: O processo energético do próprio corpo, no caso do “4 dias 4 noites”, talvez possa ser um deflagrador, tanto quanto a droga... porque não sei exatamente qual seria o limite, nesse trabalho, da droga. O quanto a droga teria sido um deflagrador nesse seu longo percurso pela cidade?

Barrio: É, essa é a questão. Havia a vontade de se chegar a isso: a droga como uma possibilidade de agudização da percepção, a velha história da droga abrindo as portas da percepção, com todas as experiências, desde o fundador da crítica de arte, Baudelaire... seria isso, poeticamente. Há todo o lado poético, da angústia pessoal da vida, toda uma miscelânea de coisas. Eu achei que aquele meu trabalho de Belo Horizonte, com as trouxas ensangüentadas, tinha chegado a um limite, e tentei ultrapassá-lo. Havia uma certa arrogância, eu pensava em ultrapassar aquilo para chegar ao ponto máximo de um trabalho... e a coisa foi um pouco perigosa, não é? Porque quem entrou em jogo fui eu. Mas sobre essa questão do corpo relacionado às secreções, excreções, acho que o Cristianismo anulou de tal maneira o corpo, que o que existe como expressão interna do corpo passa a ser encarado como uma coisa atroz, sem muito significado. A nossa leitura do corpo é muito restritiva. O exterior existe, mas o nosso interior

circuito do Centro Histórico, arrastando sua carroça atada à cintura em festas como a Benção, nas pistas de música eletrônica, apresentações do Olodum ou nos *shows* de *rock*.



Fig.8 Imagem cedida pelo artista.

Para ilustrar a passagem de Jayme Fygura por território privado, descreveremos um acontecimento bem recente. Após oito anos sem por os pés num centro de compras, convidamos Jayme a um passeio por um *shopping* do centro da cidade (em virtude da exposição Clube do Rock 2003). Logo à entrada, Jayme Fygura é abordado por um segurança que, apesar de conhecer o trabalho do artista, precisa solicitar permissão para seu livre acesso. Em seguida, toda a dinâmica do local é modificada: pessoas param admiradas em frente ao artista, outras se apavoram, um grupo de amigos o cumprimenta, enquanto o segurança faz os contatos com o coordenador da área para a liberação da passagem de Fygura (logo ficamos sabendo do encerramento da mostra, então, desistimos da idéia de permanecer no local e em seguida voltamos às ruas, o *habitat* natural de Jayme). Na saída do *shopping*, Jayme declara que seu trabalho é muito contemporâneo para ser compreendido em tais lugares. Mesmo nas ruas, muitas pessoas se assustam com as aparições do artista, um exemplo é dado

não existe. Não vou dizer que seja uma alienação, é uma defesa. Talvez, se a vida fosse muito mais longa, tivéssemos mais propensão a nos escutar mais, fisicamente...

pelo grupo musical Confraria da Bazzófia quando cita Jayme Fygura em matéria do *Correio da Bahia on line*¹⁷:

Em Fissura de blecaute, uma homenagem a Jaime Figura, artista que transita pelas ruas da cidade com suas roupas, no mínimo, estranhas. Almeida conta que é um grande admirador de Figura, nunca viu seu rosto ou falou com ele. Resolveu fazer a letra depois de um fato narrado por seu amigo Tito Bahiense, que já fez parte da Confraria e, hoje, trabalha com Ivete Sangalo. “Em blecaute na rua Chile, o Tito levou um grande susto quando acabou iluminando, com as luzes do carro, apenas o Jaime Figura”, relata. Na letra, o compositor descreve: ‘Jaime Figura acima do barato total/ Do *trash* formal, do *new-under-tao*’.

Outro tipo de interação acontece com as crianças sorridentes ou amedrontadas frente à imagem de Fygura. Nessas situações, Jayme declara fazer uma rápida adaptação em seu cérebro, ativando alguns *chips* ali implantados com o objetivo de ajustar seu comportamento ao nível infantil (algo bem “imaginativo” se comparado à ação vivida por Eduardo Kac em “Time Capsule”, 1997, quando o artista brasileiro implanta em seu próprio calcanhar um *microchip* - transponder de identificação¹⁸). No Centro Histórico, Jayme é, constantemente, assediado por curiosos. Também, por mulheres sedutoras em busca da descoberta do homem sob a indumentária. Já nos bairros periféricos, ele evita caminhar sozinho, pois sabe que as pessoas podem agredi-lo muito facilmente. Essa contradição entre como é visto no centro e na periferia de Salvador parece incomodar bastante o artista. O trecho de entrevista abaixo expressa a devida dimensão desse incômodo:

As pessoas ficavam olhando um ser, um homem, eles olhavam o rosto. Eles não tavam preocupados com o que eu tava vestindo [TI] era maluquice, mas olhava o homem dentro da maluquice, entendeu? E aquilo para mim era chato, tá carregando uma porra de um trabalho que eu sabia que era valioso quando chega na periferia eu sou maluco, débil

¹⁷Disponível em: <<http://www.correiodabahia.com.br/hist/000411/foba/int68121.asp>>. Acesso em: 07 jul. 2003.

¹⁸Disponível em: <<http://www.ekac.org/kac2.html>>. Acesso em: 13 out. 2003.

mental, entendeu? Com aquela roupa cheia de lixo, cheia de... entendeu? E aqui obra de arte, entendeu? Aí, praticamente, eu decidi fazer isso, completar o trabalho, colocar um..., um..., uma indumentária sobre o meu rosto, usando o meu corpo como suporte, carregando todo o meu trabalho de anos de trajetória, desde o movimento *punk*.

Jayme Fygura descreve sua ação dentro dos ônibus da cidade. Ele não paga a passagem como um cidadão comum, vai “traseirando”, ou seja, aguarda em pé diante da catraca, de costas para o cobrador, a chegada ao seu destino (assim permanece durante todo o trajeto com o objetivo de sinalizar que ele não é um assaltante). Em uma dessas viagens, Jayme diz ter sido mal compreendido por um cobrador em serviço. Situações envolvendo conflito e agressão são muito comuns no cotidiano do artista. Durante a gravação de nossa entrevista, num banco ao lado da prefeitura desta cidade, entre uma pergunta e outra, Jayme quase é atingido por um objeto arremessado por um garoto.

Ao contrário de Marina Abramovic (a *grandmother* da *Performance* no mundo, como ela se autodenomina), que numa ação da década de 70 provocou a agressividade de seus espectadores ao solicitar que utilizassem sobre seu corpo os mais diversos elementos, como flores, objetos cortantes e até mesmo um revólver, Fygura decide sempre por não revidar numa situação de conflito. Na sua opinião, manter o “controle mental” é o mais importante. Ele tem plena consciência de que reagir nessas circunstâncias significaria pôr fim à sua trajetória artística. Outras interações são muito divertidas, como aquelas junto aos “garis” da cidade. Os responsáveis pela limpeza urbana sempre ameaçam lançar Jayme Fygura dentro do caminhão de coleta de lixo.

A partir da observação e catalogação das imagens cedidas pelo próprio artista, registramos, aqui, outras interferências realizadas em espaço urbano, mais algumas *Performances* apresentadas por Jayme Fygura há alguns anos. “Robô Farpa, defensor das crianças do planeta Terra” é o nome de uma das primeiras exposições de Jayme Fygura em espaço público. Em “S.O.S fome”, o artista com um boneco (manequim infantil) e indumentária específica desfila mendigando pelas ruas da cidade. Uma outra *Performance* recebe o título de “Guerra Química”, um ensaio fotográfico realizado num

depósito de lixo no Taboão, Centro Histórico, há, aproximadamente, oito anos. Uma instalação de mesmo título foi construída com caixão, peça de refrigerador, velas, flores e CDs pintados. Trajando uma indumentária confeccionada com couro preto, utilizando uma máscara metálica, Jayme Fygura se exhibe em frente às igrejas e catacumbas do Carmo, Centro Histórico, em uma série de fotografias realizadas há, pelo menos, cinco anos.



Fig.9 Imagem cedida pelo artista.

Muitas das táticas de guerrilha¹⁹ aprendidas por Jayme Fygura no período em que serviu ao exército - por livre e espontâneo desejo - são utilizadas em seu cotidiano na cidade: as estratégias de lançamento das “farpas artísticas”; o controle de sua temperatura corporal; o direcionamento do olhar e da atitude no contato direto com o outro; as decisões tomadas diante de cada conflito urbano são algumas dessas táticas.

¹⁹O crítico Frederico Morais já comparou a atitude do artista contemporâneo à postura de um guerrilheiro na sua interação com o público:

“O artista hoje é uma espécie de guerrilheiro. A arte é uma forma de emboscada. Atuando imprevisivelmente, onde e quando é menos esperado, o artista cria um estado permanente de tensão, uma expectativa constante. Tudo pode se transformar em arte, mesmo o mais banal evento cotidiano. Na guerrilha artística todos são guerrilheiros e tomam iniciativa. O artista, o público e o crítico mudam continuamente suas posições no acontecimento, e o próprio artista pode ser vítima da emboscada tramada pelo espectador”.

MORAIS, Frederico. *Panorama das artes plásticas séculos XIX e XX*. Apresentação Ernest Robert de Carvalho Mange. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1991. 164 p. Gráfico histórico. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org>>. Acesso em: 07 ago. 2003.

Um outro exemplo de arte urbana realizada por Jayme Fygura é o de sua participação como pintor e, conseqüentemente, como *performer* nas criações sobre os muros da cidade, durante o projeto “Pinte Salvador / Pinte Itaparica”²⁰. Jayme recebeu o convite de Leonel Mattos para participar das intervenções realizadas em locais como Av. Contorno, Garibaldi, Barra, Boca do Rio, Av. Vasco da Gama, além da Ilha de Itaparica. Hoje, as antigas pinturas estão cobertas pelos mais coloridos *graffites*, como numa sobreposição artística. Sobre seu envolvimento nesse projeto, Jayme se ressentia de ter sacrificado os momentos junto à família para se dedicar à produção contínua ao lado de seus colegas pintores.

Além dessas intervenções pela cidade, Jayme Fygura tem mostrado sua produção em alguns locais específicos para exibição de artes visuais. Uma de suas primeiras exposições como artista plástico aconteceu na Bonna Pizza, Barra. A mostra “Arte Copainterativa” reuniu artistas como Lygia Aguiar, Adriano Castro, Ieda Oliveira, Tatau e Leonel Mattos (também como curador) durante a copa do mundo de 1998. Nessa exposição Jayme exibiu “Gol”, uma escultura em armação de ferro coberta por um emaranhado de retalhos de tecido²¹. Uma exposição individual de título “Tramas, Jaime Fygura ou a Figura de Jaime” com exibição de objetos, instalação e *performance* musical foi realizada nesse mesmo espaço, entre os meses de abril e maio de 1998, também com curadoria de Leonel Mattos. Na verdade, seu trabalho de maior sucesso nessas mostras foi mesmo sua *Performance*, em detrimento das obras criadas.

Também, exibiu seu “sarcófago”, dentre outras obras, numa mostra coletiva na Galeria do Aluno da Escola de Belas Artes da UFBA, a convite de Adriano Castro. Nessa ocasião, a produção exposta causou muita polêmica e conflitos não apenas pela diferença e “exotismo”, mas também, pelas grandes proporções. Jayme Fygura já foi destaque em exposição fotográfica apresentada na galeria Moacir Moreno, no Teatro

²⁰Além de Jayme Fygura, os artistas Leonel Mattos; Vaulizo Bezerra; Beth Souza; Adriano Castro; Gaio; Jonny; Tatau; Henrique Dantas; Juraci Dórea; Padre Pinto; Telma Ferraz; Aduino Costa; Viviane Bahia; Mark Davis; também fizeram parte desse projeto.

²¹LASSERRE, Luís. Gol de Plástica. *Revista de Arte Dendê*, Salvador, n. 5, ano I, p. 26, mai-jun. 1998.

XVIII, Pelourinho: “Artistas de rua”²², 2002, é o título da mostra da fotógrafa Rejane Carneiro. Em galerias comerciais, como a Galeria ACBEU, não foram encontrados registros da produção do artista, apenas, lembranças de suas desconcertantes aparições em meio aos coquetéis, nas aberturas de exposições.

Instalações, objetos, desenhos e pinturas

Sobre sua formação artística, Jayme se apresenta como autodidata em trechos como:

não quero nem envolvimento com leituras, de, de... papos relacionados com indicações diante de como fazer ou acontecer, entendeu? Não prejudicar o trabalho, deixar a memória trabalhar de acordo com o tempo.

Sua relação com a Escola de Belas Artes da UFBA foi estabelecida através de contatos com o professor Raimundo Mundin e o artista Adriano Castro. Sobre o interesse que a academia tem demonstrado em relação à sua arte ele diz:

Isso me deixa é... preocupado, é... felizmente! [risos] porque pra mim é um prazer, né, cara? De repente, poucos têm esse privilégio, entendeu? E eu tô aqui disposto a mostrar meu trabalho natural.

No cartão de visita divulgado por Jayme Fygura, há os seguintes dados:

UZINANUCLEATELIER.

Escultura, Pintura, Artesanato, Literatura, Poesias em dedilhado.

Jaime Fygura (impresso erroneamente em gráfica)

Artista Plástico. Autodidata.

Lad. do Carmo, 20 Térreo – Pelourino. Salvador – Bahia – Brasil

²²Disponível em: <http://www.zignow.com.br/qualeaboa/index.php?id_qualeaboa=66>. Acesso em: 17 ago. 2003.

À porta de seu local de trabalho, há uma faixa de plástico com a seguinte inscrição ESTAMOS EM OBRAS. Uma outra frase A CASA DO ARTISTA é notada num cartaz. Jayme observa que o atelier onde trabalha é um “ambiente animal”. Lá, nada fica incólume: os eletrodomésticos não resistem, todos seus registros como artista (as notas da imprensa, as fitas gravadas e as próprias obras) estão em processo de deteriorização devido à ação do tempo. Desde nosso primeiro contato, Jayme prossegue trabalhando em seu atelier. Em breve, ele pretende abrir à visitação pública uma área de, aproximadamente, 2 X 2 m com o objetivo de exhibir suas pinturas e seu “sarcófago-objeto” artístico (o termo “sarcófago”, utilizado por Jayme para denominar seus caixões, talvez, seja uma referência direta ao universo místico e megalomaníaco dos faraós). Uma outra área do atelier será reservada à sua criação, aos momentos de relaxamento e meditação em seu “sarcófago-cama” (Jayme Fygura costuma descansar dentro de um caixão) e à sua vivência como cidadão comum - mais uma vez intuímos o ponto final, ou seja, nada mais a respeito desse assunto foi revelado.



Fig.10 “Atelier-toca” (detalhe da fachada). Foto: Zmário, 2003.

Além da construção de sua imagem, Jayme vem trabalhando, incessantemente, numa instalação no interior de seu atelier: uma representação em grandes proporções de

sua própria “figura” (Leonel Mattos, após ter conhecido o espaço do artista, aconselhou Jayme a investir mais nesse tipo de obra).

Logo à entrada de seu atelier há uma pequena área forrada com papel branco onde serão expostas suas pinturas em pequenos formatos. A imagem de Jesus Cristo está fixada acima, na entrada principal desse espaço construído com os mais diversos materiais, como madeira, ferro, lâmpadas fluorescentes no piso, etc. Partes de suas indumentárias confeccionadas com correntes de bicicleta, molduras de alumínio, grelha de metal, pedaços de madeira, espuma, couro estão dispostas nesse pequeno espaço. O artista elaborou um sistema de ventilação para seu atelier, utilizando ventilador e tubos de p.v.c. em meio àquele ambiente de pedras, farpas de madeira e metal (a cada entrevista, Jayme Fygura apresentava um novo ferimento nas pernas ou mãos: acidentes de trabalho em ambiente hostil, “sacrifícios do corpo para a construção da obra” segundo o artista). Sempre ao som de *rock’n roll*, o artista veste sua indumentária e se prepara para sair às ruas em mais uma luta diária em nome da manutenção da vida e arte.

Numa fotografia divulgada em periódicos, notamos a imagem de uma instalação mais antiga ali montada. Uma enorme teia, elaborada com diversos retalhos de tecido, envolvendo alguns objetos, como as indumentárias do artista. Nesse *habitat* elaborado artisticamente e intitulado de “A Trama de Jayme”, é como se o artista fosse a própria aranha, um *spider-man punk* entre as teias de algodão. Durante a produção noturna, Jayme utiliza lâmpadas fluorescentes para evitar os ataques dos insetos que rondam sua indumentária (esse tipo de roupa atrai muitos insetos, como as moscas - chamadas por Jayme de “minhas companheiras”). Lá dentro, vive mais um companheiro de Jayme: o gato preto Billy. Bem em frente ao seu atelier, sob a placa de sinalização “proibido estacionar”, o artista deixa a carroça utilizada para o transporte de alimentos e materiais diversos.



Fig.11 “Carroça” (detalhe). Foto: Zmário, 2003.

Sobre a produção gráfica do artista, notamos que todo o desenho é construído a partir do elemento “farpa”, das letras às formas. Os desenhos realizados a lápis e, às vezes, com o uso da esferográfica quase sempre representam o universo musical *underground*, *punk* ou *rock’n roll*. Também representações de figuras como monstros e demônios são notadas. Jayme desenhou o cartaz de divulgação de sua banda, segundo ele, “a imagem de um dragão cuspidor soldados” com seus traços em “farpas”. Em volta dessa figura de orelhas longas e caninos afiados, grafismos semelhantes à escrita egípcia do interior das grandes pirâmides são identificados (um olho de Hórus, pássaros, escaravelhos, etc. são representados de forma estilizada).

A pintura de Jayme Fycura é caracterizada pelo “gestual”, uma pintura “neo-farpa-expressionista” com sobreposição de cores puras aplicadas com o pincel semelhante à maneira de Jackson Pollock.²³ Jayme diz que abandonou o estilo acadêmico e não busca a perfeição em sua pintura: “meu trabalho quanto mais distorcer, melhor”. Ele costuma cobrir toda a superfície branca da tela com o objetivo de transmitir a “energia do espírito através dos movimentos dos dedos”, criando texturas e volumes através da sobreposição de camadas de tinta. Em algumas produções, grafismos como os da citada referência egípcia são distribuídos em volta de motivos principais: animais,

²³Um dos precursores da *Performance Art* no mundo. Através da *action painting*, criava com a tela estirada sobre o chão pinturas neo-expressionistas. A partir desse tipo de ação, o corpo do artista começa a fazer parte da obra, a ser obra.

demônios, insetos, etc. Figuras de capoeiristas, casario, Preto Velho e Jesus Cristo também foram pintadas pelo artista.

No painel até pouco tempo em exibição na lanchonete Pit Stop Lanches, na Av. Carlos Gomes, a criação em alto relevo com cimento e argamassa indica mais uma técnica utilizada pelo artista. Sobre uma natureza morta inacabada, representada por frutas tropicais (como esculturas fixadas com cimento e arame), Jayme lança as cores que logo se mesclam. As pinturas murais do projeto “Pinte Salvador” também apresentavam tais características pictóricas. Em breve, realizará um outro painel em alto relevo em um dos bares da rua 28, mais conhecida como Ladeira da Montanha, Comércio, representando seios, nádegas e outras partes do corpo em grandes dimensões. Na fachada do depósito de lixo reciclável de nome Sucata, na rua do Gravatá, há uma outra pintura inacabada de Jayme Fygura. Numa das janelas do Mercado Modelo, encontramos mais uma produção do artista.



Fig.12 Detalhe de painel na lanchonete Pit Stop Lanches. Foto: Zmário, 2003.

Diante do que foi exposto sobre o universo criativo do baiano Jayme Fygura, das relações estabelecidas entre seu trabalho e as produções de alguns artistas da *Performance Art* no mundo e no Brasil, conseguimos perceber suas ações como representativas da *Performance* relacionada ao cotidiano de nossa cidade. Se comparada à obra de Orlan, Gilbert & George, ou ao trabalho de tantos outros *performers* em volta do mundo, a produção de Jayme Fygura nada tem de “ingênua”. Trata-se, apenas, de um universo distinto, de uma arte forjada com corpo e “farpas” – nada mais contemporâneo.

Conseguimos identificar, também, ao longo desta pesquisa e durante os tantos encontros com o artista, as faces de uma “figura” intrigante. Jayme: ser humano muito sensível com suas qualidades e defeitos, como qualquer homem comum. A outra face: Jayme Fygura, ser criativo que demonstra - ao contrário do que muitos supõem - um discurso elaborado sobre a construção de sua obra, produção de destaque não só entre os moradores do Centro Histórico, mas entre todo o público desta vasta galeria, que é a cidade de Salvador. Uma poética ímpar, construída a partir do elemento “farpa” e de tantas situações vividas por um ser meio negro, meio branco; meio anônimo, meio ilustre; meio criador, meio criatura, porém, inteiramente humano.

Contudo, vale a pena ressaltar que esta é uma conclusão fruto de uma pesquisa acadêmica sobre a obra de Jayme Fygura. Uma tentativa de sistematizar as informações coletadas sobre o artista e levar ao conhecimento público parte de sua produção como artista visual e, principalmente, como *performer*. Muito embora, todo o trabalho desses mais de vinte anos de trajetória represente para o artista algo bem distinto, uma significação diversa. Com a palavra, Jayme Fygura a respeito da essência de sua arte:

Comecei a sacrificar meu corpo pela minha arte [...] O trabalho em si é mais dado como um sacrifício, entende? Eu uso os objetos de arte sobre o meu corpo como um sacrifício. Eu uso com respeito, com doutrina [...] É algo espiritual, não é carnal nem, nem é... é... Algo, mesmo assim, relacionado em espírito, coisa que tá sempre ali, entendeu? Separando as situações...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVIC, Marina. *The Bridge/El Puente. Exposición Retrospectiva*. Valencia: Generalitat Valenciana, 1998. Catálogo de exposição.
- ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo*. Lisboa: Minotauro, s/d.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar – A Aventura da Modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- BOUSSO, Vitoria Daniela. (Coord.). *Artur Barrio. A Metáfora dos Fluxos. 2000/1968*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Secretaria de Estado da Cultura, 2000. Catálogo de exposição.
- BRITO, Reynivaldo. Leonel Matos: o artista que leva a arte onde o povo está. *Neon*, Salvador, n. 5, ano I, p. 43-45, mai. 1999.
- _____. Um talento privado da liberdade. *A Tarde*, Salvador, p. 6, 08 jul. 2000. Caderno 2.
- CABANNE, Pierre. *Marcel Duchamp: engenheiro do tempo perdido*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1967.
- CALBO, Iza. Figura Beleza. *A Tarde*, Salvador, 29 abr. 1998. Caderno 2. p. 1.
- COHEN, Ana Paula. (Coord.). *Panorama da Arte Brasileira 2001*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo MAM, 2001.
- COHEN, Renato. *Performance como Linguagem: Criação de um Tempo-Espaço de Experimentação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.
- _____. *Work in progress na Cena Contemporânea. Criação, encenação e recepção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- GARDNER, James. *Cultura ou lixo? Uma visão provocativa da arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- LASSERRE, Luís. Gol de Plástica. *Revista de Arte Dendê*, Salvador, n. 5, ano I, p. 26, mai-jun. 1998.
- McEVILLEY, Thomas. Performing The Present Tense. *Art in America, USA*, n. 4, p. 144-153, abr. 2003.

- MINK, Janis. *Marcel Duchamp. A Arte como Contra-Arte*. Germany: Taschen, 2000.
- SCHNEEDE, Marina. *Mit Haut und Haaren: der Körper in der zeitgenössischen Kunst*. Köln: DuMont, 2002.
- SILVA, Josué. *Pintores expõem sua arte no muro para tornar Salvador mais Bonita. A Tarde*, Salvador, p. 7, 17 set. 1999.
- STANGOS, Nikos (Org.). *Conceitos da Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1988.
- TUNGA, *Barroco de Lírios*. São Paulo: Cosac & Naify Edições.
- WEITEMEIER, Hannah. *Yves Klein. International Klein Blue*. Germany: Taschen, 2001.
- ZWEITE, Armin. *Joseph Beuys. Natur Materie Form*. München; Paris; London: Schirmer/Mosel, 1991-1992.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

24^A BIENAL DE SÃO PAULO

Disponível em: <<http://www.uol.com.br/bienal/24bienal>>. Acesso em: 29 jul. 2003.

CLEVELAND PERFORMANCE ART FESTIVAL

Disponível em: <<http://www.performance-art.org>>. Acesso em: 10 set. 2003.

ENCICLOPÉDIA DE ARTES VISUAIS DO ITAÚ CULTURAL

Disponível em: <<http://www.itaucultural.org>>. Acesso em: 07 ago. 2003.

JAYME FYGURA POR REJANE CARNEIRO

Disponível em: <http://www.zignow.com.br/qualeaboa/index.php?id_qualeaboa=66>. Acesso em: 07 jul. 2003.

ORLAN (site oficial)

Disponível em: <<http://www.orlan.net>>. Acesso em: 29 jul. 2003.

PERFOPUERTO (Chile)

Disponível em: <<http://www.perfopuerto.org>>. Acesso em: 30 jun. 2003.

PROJETO KA (RENATO COHEN)

Disponível em: <<http://www.iar.unicamp.br/~projka>>. Acesso em: 29 jul. 2003.

SOBRE A SELEÇÃO DA BANDA THE FARPA NA V BIENAL DO RECÔNCAVO

Disponível em: <<http://www.infocultural.com.br/edicoesanteriores/julho/cultura/mat2.htm>>. Acesso em: 07 jul. 2003.

FONTES MULTIMÍDICAS

Filmografia

MAD Max Beyond The Thunderdome. Direção: George Miller e George Ogilvie. Roteiro: Terry Hayes e George Miller. Intérpretes: Mel Gibson, Tina Turner e outros.

Austrália, 1985. (107 min.).

POLLOCK. Direção: Ed Harris. Produção: Fred Berner, Ed Harris e outros. Roteiro: Bárbara Turner e Suzan J. Emshwiller. Intérpretes: Ed Harris, Marcia Gay Harden, Jennifer Connely e outros. USA, 2001. (120 min.).

CD-ROM

THIS IS MY BODY, THIS IS MY SOFTWARE: da exposição *Omniprésence* de Orlan, 1996. 1 CD-ROM.

A OBRA DE ARTUR BARRIO: da exposição *A Metáfora dos Fluxos 2000/1968*, 2000-2001. 1 CD-ROM.

ANEXO



Fig. 1 Indumentária



Fig. 2 Indumentária



Fig. 3 Indumentária



Fig. 4 Indumentária



Fig. 5 Indumentária



Fig. 6 Indumentária



Fig. 7 Indumentária



Fig. 8 Indumentária



Fig. 9 Indumentária



Fig. 10 Performance
ao lado de Leonel Mattos



Fig. 11 Desenho



Fig. 12 Encarte de CD



Fig. 13 Encarte de CD



Fig. 14 "Guerra Química",
instalação